

# JORNAL DOS DEBATES

## POLITICOS E LITTERARIOS.

Publica-se nas Quarta Feiras e Sabbados. — Subscreeve-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 2U000 rs. por Trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémère, rua do Ouvidor, n. 104.

### INTERIOR.

(ARTIGO COMMUNICADO.)

#### LIBERDADES DAS REPUBLICAS.

O que todo o homem procura entrando para a sociedade é a felicidade, e como esta se não pode alcançar sem fazer cada membro da associação algum sacrificio de sua liberdade, é claro, que todo o governo apesar de ser um mal de sua natureza, pois que oppõe restricções á liberdade, torna-se todavia um bem em comparação de um mal maior, a nenhuma segurança da liberdade, quando é completa. Desde então não é a melhor forma de governo aquella, que deixa uma ampla liberdade a cada um, porém com mil riscos, pois é isto contrario ás intenções da associação; mas é sim aquella, que conserva a maior porção de liberdade, que possível é compativel é com o maximo de segurança. Liberdade excessiva produz a licença; muito restricta dá caminho ao despotismo; em ambos os casos se não gosa da felicidade social; o problema pois a resolver-se em materia de liberdade consiste em marcar a quantidade que seja extrema dos fuiores da demagogia, e da tyrania dos que governão, isto é, reunir o maior grão de liberdade ao maior da segurança. Os povos antigos, que mais nome deixáram na historia, não conhecio essa liberdade individual, que faz as delicias e a felicidade dos povos modernos. Sua existência era um sacrificio continuo da liberdade individual á causa publica.

O espirito recorda com admiração essas bellas instituições, onde cada homem se julgava livre, por isso que concorria a governar os outros; mas ellas são limitadas por tantas condições, compradas á custa de tantos esforços, e mesmo de tantas injustiças, que a admiração nos preservará do exemplo. Uma educação notavel por suas singularidades tornava o cidadão no berço para lhe imprimir os sentimentos e as opiniões de toda a sua vida; preparando os antigos para a independencia politica, lhes impunha uma forte sugeição pessoal, e substitua o rigor dos costumes da autoridade. Dahi nasceo

essa virtude que *Montesquieu* reservava exclusivamente para as republicas, e que elle chamava o amor da igualdade: virtude pouco duravel, e que se não pode desenvolver, senão existe nas raizes dos costumes, que não pode animar o estado, se não sahe de cada familia; e que formada de dous elementos quasi inconciliaveis se destroe rapidamente, e é ordinariamente substituida ou pelo furor da igualdade democratica, ou pelo multiplicado despotismo da aristocracia, ou pelo despotismo simples e terrivel de um chefe militar.

Assim fazião os antigos consistir toda a liberdade em concentrar-se os poderes na multidão, e em decidir-se tumultuariamente os negocios do estado no forum, e nas praças publicas, embora cada cidadão como particular fosse reprimido em todos os seus movimentos, e inteiramente escravo em suas relações privadas. Vós não achareis nos antigos (*Diz B. Constant*) alguns dos gosos, que fazem parte da liberdade nos modernos. Todas as acções privadas são submettidas a uma vigilancia severa. Nada era concedido á independencia individual, nem opiniões, nem industrias, nem religião. O fim dos modernos é pois inteiramente opposto ao seo; elle consiste na segurança dos gosos privados; e fazem consistir a liberdade nas garantias concedidas pelas instituições a esses gosos. Desconhecendo inteiramente os principios da liberdade civil, e essas admiraveis creações da philosophia moderna, que ao mesmo tempo que impõe silencio ás ambições, ampara os povos contra o despotismo, os antigos sempre agitados pelas tempestades de uma desenfreada demagogia, e pela guerra civil, nunca conseguirão essa liberdade, companheira das prosperidades das nações, por aqual havião derramado tanto sangue, e feitas tantos sacrificios. Muitos philosophos contemporaneos, testemunhas de tantos delirios, e de tantos crimes, invocarão contra elles a terrivel protecção do poder absoluto. *Platão*, que se tinha lisongeado longo tempo do projecto de uma republica perfeita, por fim só desejava para a especie humana um bom tyranno ajudado de um bom legislador. Que injuria para o genero humano, que um igual voto podesse sahir de uma alma virtuosa, em presenca de *Sparta*, á vista das costas da *Persia*!

Com uma monarchia constitucional bem organizada consegue-se essa liberdade, que não alcançáram os povos antigos; só por meio della se pode unir a liberdade com a segurança e tranquillo goso dos direitos individuais. Assim tambem é ella a unica forma de governo appetida por todos os bons espiritos. Imaginações ardentes anhelão hoje pela republica a despeito das lições da experiencia. Só o governo republicano convem aos Americanos, apregoão certas gentes desvaireadas por erradas theorias; e quando se lhes pede a demonstração desta proposição, só apontão o lisongeiro quadro das prosperidades, que mostrão os republicanos da America Septentrional. Porém elles não vêm, que essas prosperidades dependem menos da forma do governo, do que dos admiraveis costumes, que maior valor tem, que as mais perfectas instituições, dessas virtudes patrioticas, desse espirito publico tão desenvolvido entre elles, das leis civis, e de uma sábia administração; circunstancias estas, que os fazião prosperar do mesmo modo, qualquer que fossem as formas do seo governo: ainda assim os mais profundos pensadores descorrião ao longe uma monarchia na America do Norte, quando a mão do tempo lhe tiver destruido as virtudes republicanas. Além disso porque fatalidade se olha sómente para os Americanos do Norte, e nunca para os nossos vizinhos, que ha mais de vinte annos, se vêm a braços com todos os flagellos da anarchia?

A. T.

#### DISCURSO NECROLOGICO.

O Sr. Octaviano Maria da Roza, membro titular em nome da secção de cirurgia:

Senhores, nunca as lagrimas de um povo sensivel e agradecido tivêrão um motivo tão justo para serem derramadas! Nunca as profundas sensações de dor fôrão tão agudamente sentidas! Os ais, as benções, as preces, nunca, senhores, fôrão dirigidas ao Eterno com mais fervor, e candura da alma, como durante a rapida molestia que nos arrebatou para sempre o prestante cidadão, cujos restos mortaes existem como vêdes, dentro desse ataúde.

Mergulhado como vós em profunda tristeza, minhas faculdades intellectuaes quasi

em desarranjo; o coração opprimido, vou cumprir um dever, resguardando a vida do homem extraordinario, cuja morte deploramos.

O Rio de Janeiro, o Brasil e a humanidade acabão de perder o primeiro homem virtuoso e beneficente; a medicina, seo centro, seo bom ministro; o orfão, seo pai; o indigente e desvalido, seo protector; a viuva, seo amparo; o filho o modelo de ternura, de respeito e de reconhecimento; o amigo, o esposo... Ah! basta, senhores, vós conheceis João Alvares Carneiro, e este nome é o symbolo de tudo quanto é nobre, pio e magnanimo.

Que contraste, senhores, entre as honras funebres tributadas por ostentação e mero aparato ás ciusas dos conquistadores, e dos regulos do mundo, e as que se rendem ás do homem bom e justo. Naquellas, tudo é vão, tudo é exterioridade. A's vezes o coração pragueja o morto, e individuos ha tão degenerados, ou encanecidos no crime que até chegam a desejar a morte daquelle que apparentemente pranteião. Nas do homem bom e justo, tudo provém dos impulsos do coração, este é que faz verter a lagrima da saudade, a do agradecimento que cada um vêm depositar sobre o tumulo de seo bemfeitor; então, senhores, o dó de que nos cubrimos, não serve apenas para satisfazer os usos estabelecidos na sociedade, mas sim é a sincera e verdadeira expressão dos sentimentos de nossa alma. E qual de vós, senhores, não está penetrado da verdade do que acabo de enunciar? Vireis acaso por mero formulario fingir magoas e soluços por um mal que não sentis? Vireis vos ao templo do Deos vivo, quacs avidos herdeiros que, só tendo em mira o espolio, bem disem a pessoa do testador, tocer inmeritos e interesseiros elogios? Ah! não, senhores, todos fazem justiça á amizade de que é credora a virtude. Vossas physionomias estão abatidas, as lagrimas em chorro inundão vossas faces. Vós procurais alguma cousa que vos falta. Vós pareceis interrogar as paredes do sanctuario. Seo silencio é um sinistro presagio; mudas, ellas estão cobertas de luto. Volveis os olhos para os ministros da religião; merencorios, elles invocão a benevolencia do Altissimo, e lhe encomendão a alma do justo. A quem buscaes? Ao cirurgião caritativo, que curava vossos males, que vos dava conselhos, que repartia o seo pão com os pobres, que lhes cubria a nudez, que, doando as doncellas, lhe promovia os consorcios, que amparava aos mogos que se destinavão á arte de curar, e que proporcionava meios de subsistencia, e ministrava patrimonio a muitos que se dedicavão ao estado ecclesiastico? E' a este que procurais? A terra não éra sufficiente para conter em si, por mais tempo, tantas maravilhas reunidas; estas vol-

verão á habitação donde havião baixado, o céu as guarda.

A vida clinica de João Alvares Carneiro, é o mais bello florão da aréola de sua gloria. Por quarenta annos exerceo o penoso dever de tratar doentes; o hospital da Misericordia desta corte foi onde se iniciou na sciencia que um dia havia de cultivar com tapte brilho; em Lisboa fez o seo curso de estudos regulares; voltando á patria, aqui se embarcou para a Ásia em um navio mercante; regressando logo que suas circumstancias permitirão, fixou-se para sempre nesta cidade, onde vio a luz do dia, e que foi o theatro de sua celebridade. De mui cedo, na qualidade de cirurgião do banco da Misericordia, desenvolveo o grande talento observador que possuia em grão eminente. Familiarizou-se na pratica das grandes operações era que foi habil e distincto. O tacto deste homem admiravel e sua perspicacia na difficil arte de pronosticar, era tão geralmente reconhecido que a corporação medica do paiz o consultava, com proveito, nos casos de clinica, graves, ou controvertidos.

Mas, senhores, o que parecerá incrível, mas que ousou affirmar sem temor de ser desmentido, é que no longo periodo de sua vida clinica, no meio das paixões, dos interesses cruzados, de plureneticos partidos fomentados pela denominada politica, nunca João Alvares foi malquistado, nem teve occasião de ser offendido, ou queixar-se de alguém. O ouro, a vil ambição do ouro, nunca o fez preterir o que elle devia á honra e á sciencia. Sem adular ao poder, jámais lisonjeou as paixões do povo, e nem um, nem outro tiveram de exprobar-lhe suas aggressões. No momento em que infelizmente nosso paiz estava pejado de infestas dissensões, no momento em que cada partido arvorava seo estandarte, e procurava repellir seo adversario, João Alvares obteve constantemente de seus comparochianos, quasi a unanimidade dos suffragios para eleitor, e se não appareceu ao scio da representação nacional como deputado, foi devido ás modestas rogativas que muitas vezes dirigio a seus amigos, dissuadindo-os de semelhante proposito.

Appareça hoje um homem que faça abnegação de um encargo tão appetecido! Mas é que João Alvares não precisava luz e ornato estranho para brilhar. Como membro titular da academia imperial de medicina do Rio de Janeiro, e antes da sociedade de medicina, da qual foi igualmente fundador, João Alvares nunca desmentio o alto aprego que de seus conhecimentos profissionais, virtude e probidade tinham seus collegas; foi elevado a presidente daquelle sociedade em uma de suas eleições trimestraes, foi membro de muitas commissões, e effectivo da de consultas gratuitas dadas na casa da sociedade, em cujo exercicio sempre se portou

com a mesma caridade e zelo com que diariamente o fasia na sua. Ainda hontem na academia occupava na sessão de cirurgia o lugar de presidente, e hoje, dentro do tumulo, e preste a ser coberto pela lousa, o seo cadaver só nos revela o nada que somos! Quanto é rapida e transitoria nossa existencia! A vida é um perfeito meteoro! Só a pratica das acções virtuosas, é que sobrevive zombando do tempo, para ser transmitida á posteridade.

A academia imperial de medicina do Rio de Janeiro perdeu o seo homem, perdeu o seo heroe: o vazio que deixa nella, e nesta capital nunca se encherá. O pranto de uma corporação inteira, e de uma cidade populosa e illustrada jámais se verte por objectos communs e vulgares. Este triumpho está só reservado para os individuos que bem sabem comprehender qual é sua missão neste mundo; João Alvares a preencheo; as nébias lhe são devidas. Oxalá todos podessem satisfazer-se, principalmente os homens que cultivão a medicina.

Lancemos flores sobre a campa do bom cidadão, digamos-lhe um saúdoso adeos, e a terra lhe seja leve.

#### (ARTIGOS COMMUNICADOS.)

##### ESTUDO PRELIMINAR DE LINGUA FRANCESA PELO METHODO DE F. PICOT.

Si alguma cousa ha, que influa immediata e directamente sobre o progresso da civilisação, é sem duvida alguma o conhecimento das linguas estrangeiras: apóes uma descoberta, uma invenção, um methodo novo de melhoras apparece em uma paiz, immediatamente seo echo é repercutido nas outras nações; e d'esta maneira ligando-se todas, ha uma especie de fraternidade, e unidade de vistas nos trabalhos scientificos e industriaes, que encetam. E é tão palpitante esta verdade, que diferentes homens de genio tentáram por vezes reviver uma antiga utopia, que bastantes seculos tem atravessado, uma utopia, que, a primeira vista d'olhos, allucina, lisonjea, e faz que se acredite na possibilidade da sua existencia, e vêm a ser o systema de organização de uma lingua sómente dedicada ás sciencias, e ás letras, e que tambem fosse unicamente pelos sabios manejada. E tal foi o entusiasmo de alguns por essa descoberta, que durante a media idade, e mesmo nos modernos tempos, muitos d'entre elles escrevêram na lingua latina.

Felizmente, no nosso seculo, o contacto, e o interesse de união que progridem entre os diferentes povos, que cobrem a superficie da terra, avangáram por tal maneira o estudo das diversas e principaes linguas das nações civilizadas, que hoje pouca gente ha



ahi, que não saiba o francez, o inglez, e o italiano, e facilitando dest'arte o conhecimento e a noticia do que fascina os estrangeiros, a intelligencia humana se alarga, e se expande.

Trinta annos de sua vida empregou o Sr. P. Picot na formação de um systema, que tendesse a facilitar, ainda mais o estudo da lingua franceza no Brasil. Conseguiu no fim de longos e aturados trabalhos melhorar o methodo de ensino, adoptando e modificando as ideias, que seguiu Jacotot em Paris, e que Robertson aperfeiçoára.

Este novo methodo consiste em differentes operações, que como as da arithmetica, se ligam entre si, e formam um todo compacto, e facil. Tem ellas todas por fim a subita comprehensão dos sons, e de suas significações, de tal modo, que a pessoa, que por este methodo se deixar guiar no estudo de uma lingua, em muito menos tempo, e com menor trabalho consegue entendel-a, e traduzil-a. Além d'isto, como a sua base é a memoria, mais adoptado é elle para meninos, que repetem as palavras e suas significações, sem dar-se no principio a arida e fastidiosa tarefa do raciocinio grammatical. Depois de bem entenderem, o qua em poucos meses se consegue, então serão obrigados a reflectir, e a combinar as leis e regras da grammatica, applicando-as ao objecto.

O antigo methodo entregava a um menino a grammatica, para por ella encetar o estudo das linguas estrangeiras, e meses inteiros passavam-se, sem que elle podesse entender uma palavra da lingua, a que queria applicar-se, havendo somente decorado algumas phrases da grammatica, que de nada lhe serviam; e assim gastavam annos no estudo de uma materia, que só tres ou quatro meses deveriam despende.

E' um serviço, que devemos á experiencia do Sr. P. Picot, o ter tão habilmente applicado as ideias de Jacotot e de Robertson e as suas proprias, adquiridas pelos longos annos, em que regoe a cadeira de professor, esforcando-se, e conseguindo em parte destruir a velha rotina do ensino, que alienava o espirito da mocidade do estudo das linguas.

Si alguma censura temos á dirigir ao Sr. P. Picot, é a de não ter, a mais tempo, dado a luz um resumo, sobre o seo methodo que seria sem duvida um trabalho util, e digno de encomios. Sómente n'este anno elle publicou um pequeno folheto applicado ao estudo da lingua franceza, mas muito resumido, e contendo uma só das operações do vasto plano que elle havia concebido. Desejariamos que o Sr. Picot filho, em poder de quem, nos consta, existem mais trabalhos sobre o mesmo objecto do Sr. P. Picot, os quaes devem completar a obra,

os dêsse a luz, e o publico, de todo o coração lhe agradecerá.

Este folheto intitulado — Estudo preliminar da lingua franceza — é um excellenté compendio para as pessoas, que principiam o estudo d'aquella tão interessante e util lingua, e por tanto deveriam os nossos collegios adoptal-o, e observariam, estamos intimamente convencido, o quanto ganhariam os meninos, apprendendo por elle, tanto pela facilidade da comprehensão, como pelo *accento*, que brevemente adquereriam.

P. S.

#### O QUE SE DEVE ENTENDER POR MAIORIA NO GOVERNO REPRESENTATIVO.

Tem-se muitas vezes dito que o governo representativo é o governo da maioria; ha alguma verdade nisto; mas não deve-se crer que seja o governo da maioria no sentido da maioria do numero. O principio da maioria do numero comprehende todos os individuos por isso só que existem sem nadá mais exigir delles. Apresenta a maioria destes individuos, e diz: — *Eis a razão, eis a lei.* — O governo representativo procede de uma maneira differente. Elle considera, qual é o acto, a que vai chamar os individuos: examina qual é a capacidade necessaria para este acto; chama depois os individuos, que são presumidos possuir essa capacidade. Procura a maioria entre os capases, e é assim que se tem quasi sempre procedido em todas as partes, mesmo quando cuidava-se obrar em virtude da maioria numerica. Quasi nunca se lhe tem sido fiel; tem-se sempre exigido para os actos politicos, certas condições, isto é, os sinais de uma certa capacidade. O governo representativo não é pois o da maioria numerica pura e simples; é sim o da maioria dos capases. Ora presume a capacidade de antemão, ora exige que ella se prove, e se faça reconhecer anteriormente. Mas não é ainda tudo: o governo representativo não se contenta com o exigir a capacidade antes de conferir o poder: logo que foi presumida ou demonstrada, elle a colloca em uma especie de suspeita legal, e lhe impõe a necessidade de se legitimar incessantemente para conservar o poder. Segundo o principio contrario, o direito reside na maioria; então a verdadeira influencia reside no lugar, onde se manifesta esta força. Dahi decorre quasi necessariamente a oppressão da minoria. O governo representativo não esquecendo

nunca, que a razão, a verdade, e por tanto o direito, não resultem plena e constantemente sobre a terra, as presume na maioria, mas não lh'a attribue com certeza e duragão. No proprio momento em que presume, que a maioria tem razão, proclama que pode errar, e com todo o disvello procura assegurar á minoria, que é ella quem tem razão, e torna-a maioria pela sua vez. As precauções eleitoraes, os debates das camaras, sua publicidade, a liberdade da imprensa, a responsabilidade dos ministros, todas estas combinações tem por a se dissolver. Essa maioria é pois só objecto o obrigar a maioria a se legitimar de continuo para conservar-se, e pôr a minoridade em estado de lhe contestar seo poder, e seo direito. Assim, em resumo, o governo representativo considera os individuos, a quem chama, e a maioria que procura debaixo de um ponto de vista differente daquelle da maioria do numero. Esta admite que a soberania de direito reside em alguma parte sobre a terra, e a colloca na maioria puramente numerica; o governo representativo a procura na maioria dos capases. Esta a attribue ao numero plena e inteira; aquelle limita-se a uma presumpção. A maioria do numero vê o poder legitimo na multidão; o governo representativo só a vê na unidade, isto é, na razão, á que todos se devem submeter. A maioria numerica faz vir o poder debaixo. O governo representativo reconhece que todo o poder vêm de cima, e obriga ao mesmo tempo a todos, que se achão d'elle investidos, a provar a legitimidade de sua pretensão aos homens, que são capases de a sentir. Uma tende a umilhar as superioridades, e outra a elevar as inferioridades fazendo umas se communicar com outras.

A maioria numerica é ao mesmo tempo cheia de orgulho e de inveja. O governo representativo rende homenagem á dignidade de nossa natureza, sem desconhecer sua fraqueza, e reconhece a fraqueza sem insultar a dignidade. O principio daquelle maioria é contrario a todos os factos, que se referem á origem real do poder e á marcha das sociedades; o governo representativo não choca nem esquece algum destes factos. Emfim uma apenas proclamada, é obrigada a abdicar e reconhecer-se impraticavel; o outro marcha de progressos em progressos, e não pode existir sem se desenvolver; longe pois que o governo representativo derive do principio da

maioria do numero, repelle este principio, e funda-se sobre um principio de differente natureza, e que tem outras consequencias. Pouco importa que tenha sido muitas vezes revindicado em nome da maioria numerica; e até que suas principaes crises de desenvolvimento tenham tido logar no momento, em que dominava esta ideia; as rasões deste facto são facéis de descobrir. E' ella uma grande força que invertem para quebrar a desigualdade injusta e excessiva, ou o poder absoluto, assim como o despotismo intervem em nome da ordem, para unir violentamente a sociedade pronta um meio de ataque e de destruição, e nunca um meio de fundar a sociedade.

THEATRO DA PRAIA DE D. MANOEL. — UMA MULHER NO CADAFALSO.

Triste posição é sem duvida a do critico jornalista; vor-se elle forçado a ver e a ouvir cousas que o não interessam, e que mesmo elle pagaria para nunca vel-as, e ouvil-as.

Taes foram as reflexões que fizemos, assistindo á representação do drama intitulado — *Uma mulher no cadafalso*. — Com razão ouvimos a nosso lado um espectador chamar a esta composição — *peça dos desmaios*. O enredo é tirado de uma novella franceza; uma mulher innocente é perseguida pelo alheio crime de uma morte que seu pai fiserá: o perdão Real veio a proposito salvar a vida da infeliz, e involver o drama em episodios romanescos. A' par dos applausos, pessoas sisudas riam-se de tantas incoherencias amontoadas. A representação foi como sempre, cantada, e desagradavel; que artistas! Não fallemos dos scenarios, nem dos costumes; são cousas que o Theatro da praia de D. Manoel não conhece, e em que não segue o exemplo do Theatro Fluminense, talvez por falta de meios. Esperamos que com as loterias concedidas façam áquelles artistas, o que ainda até hoje não fizeram. O Sr. Barros fez o descombrimento artistico de matar-se pelo ventre! Que effeito maravilhoso ver um esgoixo de sangue correr-lhe do ventre! Ora isto é que é entender da arte dramatica! Nunca as mãos lhe doam, que tão boas cousas fazem. M.

## EXTERIOR.

### AUSTRIA.

A Austria é o paiz da Europa que mais tem a queixar-se dos juizos estreitos e injustos lançados a seu respeito pelas nações estrangeiras. Os partidos progressivos de França, ou de Inglaterra encaram a Austria como uma potencia cega e ignorante, destinada a retardar os progressos da civilização.

são, a esmagar seus subditos sob o peso do despotismo: o mais intoleravel, e a manter-se a custa do embrutecimento moral e intellectual, em que vegetam. Mas estes conceitos estão longe de ser exactos, elles não resumem todas as faces da realidade; este quadro desolador acha-se de todo fora da verdade das cousas. Nada assemelha-se menos a um escravo do que o burguez de Vienna, ou o camponex da Styria e do Tyrol. Gosando das venturas, que pode procurar uma administração economica e esclarecida, vendo suas cidades e campos engradecer e florescer de dia em dia sob a influencia bemfazeja do governo, que não contente com o procurar ao pobre e ao proletario um assento no banquete social, ainda os inicia largamente em todos os beneficios da educação moral e intellectual, o Austriaco pode apenas comprehender o espirito revolucionario, que desde quarenta annos trabalha as nações da Europa. Em sua maneira de ver, a harmonia de todas as relações sociais, ou individuais, é o fim o mais elevado da civilização; elle não conhece outro mal senão a desordem, e as revoluções se lhe affiguram como factos monstruosos, que denotam uma civilização atrasada.

Este instinto de harmonia, este espirito pacifico d'Austria reproduz-se solemnemente na politica do seu governo. Foi n'este paiz que nasceu a sciencia da diplomacia, e a maior parte das suas conquistas se tem operado sem effusão de sangue, como para não desmentir a verdade do ditico:

Bella gerant alii: tu, felix Austria, nube.  
Nam que Mars alius, dat tibi regna Venus.

Convencido da sua impotencia, em manejar o sceptro da Alemanha, que escapava-lhe cada vez mais desde a invasão do protestantismo, a Austria retrocedeu desde dous seculos para as populações guerreiras e pouco esclarecidas, que formam a sua fronteira meridional. E' esta a politica a mais prudente e razoavel, porque para a Hungria, Illyria, a Croacia, a Austria é um verdadeiro centro da civilização. Hoje em dia todas essas povoações tão diversas voltam as vistas para Vienna, que d'esta arte tornou-se o foco das luzes que se derramam sobre uma parte da Europa.

A politica interior do gabinete de Vienna é digna de elogios, mórmente pelo que diz respeito ás suas provincias Austriacas. Immensos progressos ali se operam, mas com regularidade e lentidão, e sem a forma convulsiva das revoluções. Poucos governos tem feito tantos esforços para abaixar a influencia real da aristocracia, conservando-lhe ao mesmo tempo uma certa importancia nominal.

A politica exterior da Austria constitue o principal motivo dos odios, que se lhe vota

no mundo politico. O gabinete de Vienna commetteo constantemente o erro grave de julgar de todos os povos segundo o modelo d'aquelle cujos destinos dirigia, sem calcular sobre as differenças que existem entre as individualidades nacionaes. O caracter d'este povo, seus antecedentes historicos, sua posição geographica, e necessidade de manter suas differentes partes em um estado de cohesão, exigiam, que elle fosse preservado das doutrinas dissolventes, que haviam minado em outras nações os alicerces da antiga ordem social. Demais disso, tolhendo a estas ideias o accesso d'Austria, Metternich, em quem se personifica a diplomacia Austriaca, não fazia violencia ao genio nacional lançado em uma direcção opposta. O erro d'este homem d'estado consistia em acreditar elle que suas medidas teriam para todos os povos o mesmo valor, o que a mobilidade Francesa, a profundesa Germanica, o genio artistico do povo Italiano, se resignariam com a mesma docilidade a este bloqueio das ideias, que apenas poderia ter successo, quando applicado a uma população tranquilla, cheia de confiança em seus chefes, e dirigida para uma outra ordem de ideias, e de sympathias. A resurreição dos principios progressivos na França, e mesmo na Alemanha meridional provião ao gabinete de Metternich, que o seu systema do *status quo* só tinha um valor transitorio. Todavia a politica de Metternich não tentou entrar em luta com a providencia, não hostilizou as potencias liberas apesar da propaganda revolucionaria, e continua a mostra-se fiel ás tradições da sua prudencia. Essas tradições consistem em inclinar a politica á força das circumstancias preponderantes, em observar a marcha dos acontecimentos, mas sem entrar na luta para modificá-los, e assim em aceitar os factos consumados.

Sob o ponto de vista intellectual, a Austria apresenta um aspecto singular. Ainda que os escritos dos philosophos do seculo XVIII, e os das novas escolas Prussas sejam ali conhecidos, e apreciados, estes dous grandes movimentos intellectuaes não exerceram com tudo influencia alguma sobre a cultura intellectual da Austria. Não se depára em seus escritos nem o antigo scepticismo da França, nem o racionalismo transcendente da Prussia. A litteratura Austriaca offerece o mesmo caracter; ella apresenta uma elegancia, uma harmonia, que fallece muitas vezes aos bardos da Alemanha; em troco porém procura-se em vão a profundesa dos sentimentos, e das inspirações que tanto distinguem os bardos do norte.